

ARQUITETURA E URBANISMO COMO FENOMENOLOGIA DO HABITAR

Architecture and urbanism as phenomenology of dwelling

Gabriela Gazola Brandão¹

RESUMO

A proposta que apresento neste artigo é a de pensar a prática da arquitetura e do urbanismo a partir da fenomenologia, tanto a essência do ofício como o modo como é colocado em prática. Apresento o habitar heideggeriano como a noção que congrega a matéria-prima da arquitetura e do urbanismo: a experiência primária dos seres humanos nos espaços. São esforços que contribuem para o desvelamento de novos caminhos a serem explorados, discutidos e praticados no âmbito dessa disciplina. Acredito que abordagem fenomenológica vai ao encontro do trabalho da arquitetura e do urbanismo, que se empenham – ou deveriam fazê-lo – em trazer para a materialidade também a dimensão existencial humana, em uma relação recíproca, em que esta é expressa pela materialidade construída que, por sua vez, tocará a primeira. Justamente por sua preocupação em aproximar-se do mundo-vivido, a fenomenologia é uma abordagem coerente para o propósito de se fazer arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo. Fenomenologia. Habitar.

ABSTRACT

The proposal in this article is to reflect about the practice of architecture and urbanism from phenomenology, about the essence of these practical and the way on how it is performed. I present the Heideggerian dwelling as a notion that congregates the raw material of architecture and urbanism: the primary experience of human being from/in the spaces. These are efforts that contribute to unveiling new paths to be explored, discussed and practiced in the range of this discipline. I believe that phenomenological approach is aligned to the work of architecture and urbanism, that strive – or should do – to realize in materiality even the existential human being dimension, in a mutual relation, in which this one is expressed by constructed materiality that, in its turn, touches the first one. Because of its concern on get close to the lifeworld, phenomenology is a coherent approach to the purpose of doing architecture and urbanism.

Key words: Architecture and Urbanism. Phenomenology. Dwelling.

¹ Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. gabibrandao@ymail.com.

✉ Rua Passo da Pátria, 156, Bloco D, sala 541, São Domingos, Niterói, RJ. 24210-240.



INTRODUÇÃO

Que é fazer arquitetura e urbanismo, desenvolver um projeto arquitetônico ou um projeto urbanístico? Que diz essa ação que designa o ofício do arquiteto e do urbanista, e que aspectos são contemplados nessas atividades? Que serve de matéria-prima, de princípios-base para seu desenvolvimento? Esse ofício a que nos dedicamos, qual é sua essência?

Refletir acerca desse conjunto de questões é a tarefa a que me proponho neste artigo. Ao contrário do que possa parecer, a reflexão aqui contida não foi desenvolvida a partir das indagações expostas no parágrafo anterior. Não foram estas indagações o ponto de partida para a reflexão que aqui exponho. A reflexão surgiu de uma percepção-síntese, uma compreensão que me tomou, um desvelamento durante o desenvolvimento da pesquisa para minha dissertação, em que estudei o habitar heideggeriano a partir da abordagem fenomenológica. Atendo-me ao referido desvelamento com intuito de nele aprofundarme, desenvolvi esta reflexão, junto da qual nasceram as indagações apresentadas no parágrafo anterior. Caminhos promissores rumo às respostas a essas inquietações repousam no modo de conceber a arquitetura e o urbanismo como fenomenologia do habitar.

A proposta que apresento é a de pensar a prática da arquitetura e do urbanismo a partir da fenomenologia, tanto a essência do ofício como o modo como é colocado em prática. São esforços que contribuem para o desvelamento de novos caminhos a serem explorados, discutidos e praticados no âmbito dessa disciplina. A reflexão partirá de uma breve discussão sobre a fenomenologia e o habitar, seguida de colocações sobre arquitetura em diálogo com autores das áreas de geografia humanista e da própria arquitetura. Por fim, o texto trará a aproximação dessas duas partes, apresentando arquitetura e

urbanismo como fenomenologia do habitar. Este artigo não pretende esgotar o assunto, mas constitui-se uma abertura que considero relevante ser observada e estudada.

A abordagem fenomenológica vai ao encontro do trabalho da arquitetura e do urbanismo, que se empenham – ou deveriam fazê-lo – em trazer para a materialidade também a dimensão existencial humana, em uma relação recíproca, em que esta é expressa pela materialidade construída que, por sua vez, tocará a primeira. Justamente por sua preocupação em aproximar-se do mundo-vivido, a fenomenologia é uma abordagem coerente para o propósito de se fazer arquitetura e urbanismo. Acredito em uma arquitetura e em um urbanismo que buscam o entendimento de sua matéria-prima *in loco*, a apreensão das experiências e anseios humanos com/nos espaços, o desvelar dos motivos que promovem conexões intrínsecas e viscerais das pessoas com os lugares. A arquitetura e o urbanismo, disciplinas que se propõem a pensar, criar, planejar e trazer à materialidade ambientes destinados a serem habitados, têm por matéria-prima a experiência do ser humano nos espaços. Muito coerente, portanto, dela aproximar-se para apre(e)nder, a partir do mundo-vivido, como se habita.

SOBRE FENOMENOLOGIA E HABITAR

Trago aqui uma breve síntese sobre fenomenologia e sobre habitar, que julguei interessante retomar com o intuito de introduzir e tornar mais clara a relação que farei em seguida, explicitando o entendimento de fenomenologia e de habitar a partir do qual partiram as reflexões expostas neste artigo.

Surgida como proposição crítica ao fazer científico que se afasta do mundo-da-vida (*Lebenswelt*), que cria conceitos e abstrações para

explicar o mundo sem partir dele mas encaixando-o em pré-suposições, a fenomenologia contempla em seu bojo a preocupação de aproximar-se da essência da experiência vivida pelos sujeitos. Preocupa-se em não se descolar do mundo-vivido para pensá-lo, em não isolar o objeto investigado da trama de relações em que se insere, abrindo-se, dessa forma, para acolher o inesperado. A postura investigativa da abordagem fenomenológica é a de retornar às coisas mesmas, “[...] retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente [...]” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.3). Ora, como pretende-se um retorno, é porque houve um afastamento daquilo que se dá antes da análise científica. O fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty (1994) explica que assumindo uma postura de ciência que busca comprovar conceitos aplicados a fenômenos, seríamos infiéis à nossa experiência do mundo e estaríamos à procura do que a torna possível em vez de buscar aquilo que ela é. O filósofo alemão Martin Heidegger, discípulo de Edmund Husserl, considerado o pai da fenomenologia, a definia como a “ciência básica da filosofia”, cujo âmbito de pesquisa seria o dos atos vivenciados. Isso significa concluir que a ciência bebe no mundo pré-científico: no cotidiano. A saber, no mundo-vivido, ou *Lebenswelt*, apresentado por Husserl, no final de sua vida, como o tema primeiro da fenomenologia.

É chamado fenômeno aquilo que aparece a partir da relação sujeito-objeto – os hifens destacam a reciprocidade e unidade dos termos. O fenômeno é na inter-relação. O mundo é composto por fenômenos aos quais muitas vezes não nos atentamos, deixando de perceber os significados atribuídos a objetos, considerando as coisas como dadas sem questionar a estrutura de significados que condiciona o modo como interpretamos, como refletimos, e, assim, o modo como produzimos ciência. Esse é o comportamento que Husserl chamou de atitude

natural. Seamon (2013, p.6) reflete que “imersas na atitude natural, as pessoas normalmente não examinam o mundo vivido ou mesmo reconhecem a sua existência; isto é ocultado como um fenômeno”. A fenomenologia propõe superar a atitude natural retornando ao fenômeno a fim de buscar a compreensão de como se dá a atribuição de significado às coisas no encontro entre a consciência e o fenômeno (DE PAULA, 2010), a fim de des-cobrir a essência, as coisas mesmas, reduzi-las ao termo. Busca-se superar a atitude natural

Não porque se renuncie às certezas do senso comum e da atitude natural – elas são, ao contrário, o tema constante da filosofia –, mas porque, justamente enquanto pressupostos de todo pensamento, elas são ‘evidentes’, passam despercebidas e porque, para despertá-las e fazê-las aparecer, precisamos abster-nos delas por um instante (MERLEAU-PONTY, 1994, p.10).

É uma postura investigativa em atitude de novidade e espanto, de presença desacostumada com o fenômeno, de frescor e abertura.

A fenomenologia não é um método, uma vez que não é paradigmática. Não se constitui como “[...] um conjunto de postulados a serem sempre utilizados, mas como um aporte que permitia análises variadas sobre o tema da ‘volta às coisas mesmas’” (HOLZER, 1998, p.15). O termo “as coisas mesmas” ou “as coisas nelas mesmas” busca expressar o fenômeno como ele é antes do julgamento ou reflexão com base em pré-conceitos, fora da atitude natural. Holzer (1998, p.27) observa que “Para a fenomenologia se uma ciência não retorna à atitude primitiva do questionamento, não se desenvolve enquanto ciência”. Retornar à atitude primitiva do questionamento significa suspender “[...] as pressuposições e as estruturas conceituais da ciência e examinando o fenômeno como ele é” (BUTTNER, 1974, p.37 apud HOLZER, 1998, p.16). Descrever o fenômeno, qualquer que seja o caráter dessa descrição, se baseada em fatos ou em impressões,

é parte do processo investigativo, entretanto, é necessário ir além e superar os problemas da descrição para atingir as virtudes primeiras do fenômeno (BACHELARD, 1978).

Considero a abordagem fenomenológica a mais apropriada para pensar sobre o habitar heideggeriano, noção que toca uma experiência de cunho existencial do sujeito – além de ter sido o próprio Heidegger um fenomenólogo. Sua obra é permeada pela relação inseparável existência-espço. Ao enfatizar a dimensão espacial dessa unidade (MARANDOLA JR., 2008), o filósofo apresenta a ideia de habitar (*dwelling*), que significa mais do que abrigar-se, abarcando o sentido existencial. Habitar remete ao termo alemão *Dasein*, ideia que pode ser traduzida por ser-aí (HOLZER, 1998), a condição espacializada inalienável da existência humana. Para Heidegger, observa Holzer (2012, p.301), “[...] nossa primeira relação com o mundo é instrumental e não cognoscitiva, isso nos conduz ao *Dasein* [...]”, termo empregado por Heidegger “[...] para designar indiferentemente homem e mundo, sendo o primeiro preferencialmente referido com a expressão ser-no-mundo, onde os hifens buscam sublinhar a inquebrantável unidade de seus termos” (HOLZER, 2012, p.196).

Na conferência proferida em cinco de agosto de 1951 e publicada no ano seguinte intitulada “Construir, Habitar, Pensar”, Heidegger (2012) apresenta “[...] preocupações com o habitar humano e com o ambiente em que este se insere” (SARAMAGO, 2012, p.196). O autor desenvolve sua reflexão enfatizando que a existência e o lugar em que se realiza são imbricados, e que o habitar é condição inerente ao ser humano. “O homem é à medida que habita”, escreve Heidegger (2012, p.127). O habitar é nossa condição terrestre. Nas palavras do autor (2012, p.137), “a referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial”.

Relação esta que é permeada pela maneira como cada ser assume e lida com a unidade originária denominada por Heidegger (2012) de **quadratura**, que compreende a reunião e pertencimento mútuo da terra, do céu, dos mortais e dos deuses. Pois, para Heidegger (2012), por habitar a terra somos aquele que está (1) sobre a terra, (2) sob o céu, (3) junto aos mortais, (4) direcionados para o divino. Esses quatro aspectos, a quadratura, estão na constituição do que somos, estão no modo como criamos e interagimos com o mundo, como o estruturamos. Portanto, cada ato, cada doação de significados às coisas, cada modo de pensar e agir sobre o mundo seriam trespassados por esta unidade originária (o céu, a terra, o divino, os mortais) – e é o modo como cada um de nós habita.

Heidegger procedeu a uma aproximação etimológica entre os termos habitar e construir, este entendido como cultivar, edificar – não apenas materialmente – consoante ao modo como o homem vive seu mundo – a forma como lida com divino e mortais, com a terra e o céu. “A palavra *bauen* (construir), porém, significa *ao mesmo tempo*, proteger e cultivar [...]. Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos” (HEIDEGGER, 2012, p.127). Construir e habitar assumem, assim, caráter temporal. O vigor essencial do habitar é o construir, construímos à medida que habitamos (HEIDEGGER, 2012). Assim, Heidegger (2012, p.126) conclui que “construir já é em si mesmo habitar”. E ressalta, ainda, que o traço fundamental do habitar é resguardar, preservando o vigor da essência de cada coisa, mantendo-as livres nelas mesmas, livres em seu próprio vigor. “Os mortais habitam resguardando a quadratura em sua essência” (HEIDEGGER, 2012, p.130). Na quadratura, o resguardar das diferenças de cada aspecto a ela inerente evidencia o brilho de cada um nessa unidade. Habitar é resguardar a coisa em sua essência – seja essência de divino, de mortal, de céu ou de terra – resguardando-

se, assim, a quadratura. A essência do habitar, portanto, é a relação ser humano-espço conforme expressão de si, conformada e construída de acordo com o vivido; é a relação primária do ser humano com os espaços.

Em suma, o habitar heideggeriano é noção que abarca a relação ser humano-espço como uma totalidade, abrangendo diversos aspectos das experiências humanas no espaço e convergindo essas relações para um mesmo conceito, que é o habitar enquanto condição humana na Terra, um constante construir no sentido de cultivar, de edificar vínculos, apropriando-se do ambiente vivido. É um apropriar-se. Pois o habitar é um modo apropriado de ser-no-mundo.

SOBRE ARQUITETURA

O texto que se segue é uma reflexão sobre arquitetura e urbanismo imbuída das noções da fenomenologia e do habitar heideggeriano.

No contexto de suas análises sobre espaço e lugar, o geógrafo Yi-Fu Tuan (2013) pontua que as edificações e obras de arquitetura são capazes de afetar as pessoas que nelas vivem. Tal influência, para o autor, acontece principalmente por três motivos: aperfeiçoar a sensação e a percepção humana, orientar funções e relações sociais, e ensinar, instruir. Sobre o aperfeiçoar da percepção humana, Tuan explica que, assim como a linguagem, o ambiente construído “[...] tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes” (TUAN, 2013, p.133). E discorre considerando um exemplo do sentido de interior e exterior, intimidade e exposição, vida privada e espaço público: “em toda parte”, afirma ele, “as pessoas reconhecem essas diferenças, mas podem ter uma vaga consciência delas. A forma construída tem o poder de aumentar essa

consciência e tornar mais nítida a diferença existente na temperatura emocional entre ‘interior’ e ‘exterior’” (TUAN, 2013, p.133-134). Em seguida, Tuan explica:

Talvez as pessoas não apreendam completamente o significado de ‘calma’ a não ser que tenham visto a projeção de um templo grego contra o céu azul, ou de ‘maciça energia vital’ sem as fachadas barrocas, ou até de vastidão sem um enorme edifício. Mas, podemos perguntar, será que a natureza não proporciona imagens ainda mais pujantes? O que dá uma maior sensação de calma do que um mar tranquilo, ou de energia exuberante do que uma floresta virgem, ou de vastidão do que a extensão sem fim das pradarias? Sim, mas é duvidoso se os seres humanos podem simplesmente apreender essas qualidades na natureza sem uma experiência prévia nas formas e escalas sensíveis criadas pelo homem. [...] Primeiro o homem cria o círculo, seja ele o plano da tenda do índio ou o anel para a dança guerreira, e depois disso pode discernir círculos e processos cíclicos em qualquer lugar na natureza: na forma dos ninhos dos pássaros, no redemoinho do vento e no movimento das estrelas (TUAN, 2013, p.138).

O segundo motivo apresentado por Tuan (2013) para a influência de um ambiente construído sobre as pessoas que nele vivem é a organização de funções sociais e articulação de relações. A esse respeito, o autor refere-se ao exemplo dos povoados pigmeus da floresta do Congo, cuja organização espacial revela sua ordem social e conforto funcional, com o centro do acampamento definido como público e a periferia como lugar íntimo e de integração entre amigos. Um ambiente planejado, afirma Tuan (2013, p.139), “[...] atende a um propósito educacional. Em algumas sociedades, o prédio é o primeiro texto para transmitir uma tradição, para explicar uma visão da realidade”. O terceiro ponto elencado pelo autor é a função de instruir:

Por último, a arquitetura ‘ensina’. Uma cidade planejada, um monumento, ou até uma simples moradia pode ser um símbolo

do cosmos. Na falta de livros e instrução formal, a arquitetura é uma chave para compreender a realidade (TUAN, 2013, p.128).

O espaço arquitetônico revela e instrui. [...] Um objeto se torna um símbolo quando sua própria natureza é tão clara e tão profundamente manifestada que, embora seja inteiramente ele mesmo, transmite conhecimento de algo maior que está além (TUAN, 2013, p.142).

Tuan (2013, p.144) conclui refletindo que, atualmente,

o espaço arquitetônico continua a articular a ordem social, embora talvez com menos estardalhaço e rigidez do que no passado. O ambiente moderno construído ainda mantém uma função educativa: seus sinais e cartazes informam e dissuadem. A arquitetura continua a exercer um impacto direto sobre os sentidos e os sentimentos. O corpo responde, como sempre tem feito, aos aspectos básicos do plano como interior e exterior, verticalidade e horizontalidade, massa, volume, espaciosidade interior e luz. Os arquitetos, com auxílio da tecnologia, têm aumentado a gama da consciência espacial humana, criando novas formas ou refazendo as velhas em uma escala até agora não experimentadas.

Em referência à reflexão do arquiteto urbanista norueguês Christian Norberg-Schulz, de que está envolvido no fazer do espaço arquitetônico um reflexo do espaço existencial², Anne Buttimer (2015, p.13) afirma ser “[...] incrédula de que todos os aspectos significativos da existência possam ser prontamente traduzidos no lugar em termos arquitetônicos, mas isso realmente não parece ser o ponto mais importante”. De fato, não se trata de traduzir todos os aspectos existenciais em uma linguagem de elementos arquitetônicos, mas sim

² Em sua obra “Existence, Space and Architecture” (1971), Norberg-Schulz introduziu o conceito de espaço existencial, que compreende as relações básicas entre o ser humano e seu ambiente, e o desenvolveu em sua obra posterior, “Genius Loci” (1976).

de proporcionar a criação de lugares que sustentem o habitar. Podem os elementos materiais gerados pelo fazer arquitetônico e urbanístico atuarem favorecendo a “qualidade” do habitar? O arquiteto David Seamon (2000) afirma que um dos objetivos a serem perseguidos pelos arquitetos seria tornarem-se mais sensíveis às experiências e mais atentos para como determinadas qualidades do ambiente construído podem acentuar ou servir de entraves a determinadas experiências humanas. A natureza do espaço construído é crucial nas experiências humanas e no habitar, pois manifesta e suporta o modo de ser-no-mundo de um sujeito e de um grupo. Esta reflexão evoca novamente a noção de espaço existencial explicada por Norberg-Schulz (1976), cujo trabalho desenvolve-se a partir do pensamento de Heidegger, e constitui-se outra grande contribuição para fundar, na prática, o habitar heideggeriano (SEAMON, 2000). Esta é uma das inquietações de Seamon (2000), ao fazer referência ao trabalho dos arquitetos Thiis-Evensen e Alexander, que investiga meios para identificar e descrever qualidades construtivas que sustentam e fortalecem a qualidade do habitar. “Like Heidegger, both Thiis-Evensen and Alexander believe that the built world can help illuminate and sustain essential qualities of human understanding, life and experience [...]” (SEAMON, 2000, p.198)³. No contexto do referido trabalho, Seamon (2000) questiona como as atividades, edificações, espaços e paisagens podem ser projetados de modo integrado e coerente, a fim de criar lugares belos e significativos para seus usuários? E sintetiza: o objetivo é criar lugares que sustentem o habitar. Se a necessidade humana de abrigo for restringida à necessidade material, perder-se-á a “[...] noção do

³ Em livre tradução: Assim como Heidegger, Thiis-Evensen e Alexander acreditam que o ambiente construído pode auxiliar no destaque e na sustentação de qualidades essenciais da experiência humana.

que poderíamos chamar de a função ética da arquitetura” (HARRIES apud PALLASMAA, 2013, p.123).

Retomando as inquietações de Seamon (2000) acima mencionadas e a reflexão de Norberg-Schulz (1976), de que está envolvido no fazer do espaço arquitetônico um reflexo do espaço existencial, creio que a materialidade da arquitetura tanto expressa o habitar quanto contribui para a criação de ambientes que sustentem o habitar. Contudo, há um aspecto existencial que advém da identidade com o lugar, sua função de correspondência ou de suporte à expressão das potencialidades individuais, ou à realização dos valores significativos para cada ser, um espaço existencial – vinculado, portanto, às particularidades dos sujeitos.

“A existência é fundada num habitar”, explica Marandola Jr. (2008, p.6), “e este marca, demarca e transforma o espaço”. O arquiteto Juhani Pallasmaa (2013, p.130) afirma que “a experiência da arquitetura surge ontologicamente do ato de habitar e, conseqüentemente, as imagens de arquitetura primordiais podem ser identificadas de modo mais claro no contexto da casa, a moradia humana”.

De acordo com Pallasmaa (2013, p.19), “historicamente, a arquitetura também existiu entre as dimensões cósmica e humana, a eternidade e o presente, os deuses e os mortais” – afirmação que recupera as reflexões de Heidegger acerca da quadratura e suas relações com o habitar. “Como memoravelmente ressalta Heidegger, o templo grego subconscientemente organiza o mundo das experiências, ressalta as características da paisagem e cria as hierarquias entre a terra e o céu, os mortais e os deuses” (PALLASMAA, 2013, p.122). A materialidade do templo torna visíveis características que sem ele seriam invisíveis.

O lustro e brilho da pedra, embora por si próprios aparentemente surjam apenas graças ao sol, ainda assim trazem à luz a luz do dia, a amplitude do céu, a escuridão da noite. A forte verticalidade

do templo torna visível o espaço invisível do ar. A estabilidade da obra contrasta com a rebentação das ondas, e seu próprio repouso ressalta a fúria do mar (HEIDEGGER, 1975, p.42 apud PALLASMAA, 2013, p.122).

O templo grego, portanto, resguarda a essência da quadratura, evocando ao ser humano seu próprio habitar.

Ao observar que “a estrutura vertical do cosmos medieval não era, portanto, uma doutrina abstrata e árida, que tinha de ser aceita pela fé, mas sim, um mundo que podia ser visto e sentido como os arcos e as torres erguidos para o céu”, Tuan (2013, p.132) também evoca o resguardo da quadratura presente naquela arquitetura. O resguardo dos elementos da quadratura impregna, também, a descrição a seguir:

Uma vila no sul de Nias é um diagrama da ordem cósmica e social. Sua localização típica é no topo de uma colina. A palavra para vila também significa ‘céu’ ou ‘mundo’. O chefe da tribo era chamado ‘aquele que fica rio acima’. Sua casa ampla, localizada na parte superior da rua principal, domina o povoado. A parte superior da rua representa fonte de rio, leste ou sul, o Sol, criaturas aéreas, chefia e vida. A parte inferior representa rio abaixo, oeste ou norte, animais aquáticos, povo e morte. O status de uma pessoa é claramente indicado pelo tamanho e localização de sua casa. Os escravos vivem ou no campo, além da vila cósmica, ou embaixo das casas da vila e compartilham o espaço com os porcos. Esse tipo de mundo lembra constantemente ao homem onde ele se situa, tanto na sociedade como no esquema cósmico das coisas (TUAN, 2013, p.140).

A presença do resguardo à quadratura evidencia-se, ainda, na reflexão de Wright (1948, p.75-76 apud TUAN, 2013, p.137), de que

há uma razão simples para os silos, como há para todas as coisas, mas as forças por trás da razão, a razão da razão, é a Terra e o céu. Em primeiro lugar, há demasiado céu lá fora, demasiado horizontal, demasiadas linhas, de modo que o ponto

de exclamação, a perpendicular, apareceu. Qualquer um que tenha nascido e crescido na pradaria sabe que a alta fachada do Armazém de Forragem e a torre branca da caixa d'água não existem por vaidade. É um problema de subsistência. De saber que você está aí.

Podemos, então, afirmar que a essência da arquitetura é trabalhar com a quadratura. As edificações conferem uma medida humana ao mundo e “[...] à assustadora infinitude e homogeneidade do cosmos. Ao mesmo tempo em que a arquitetura cria uma natureza feita pelo homem, ela também deixa manifestos os fenômenos naturais” (PALLASMAA, 2013, p.122). A arquitetura dialoga, congrega e evidencia a geografia e os fenômenos da natureza, conformando-se e assumindo características apropriadas ao lugar onde se insere. A arquitetura é tributária, primordial e essencialmente, da natureza – seja ela humana ou geográfica, já que essas duas são entrelaçadas: a cultura de cada povo tem forte influência de sua geografia. Ou, nas palavras de Tuan (2012, p.91), “os conceitos ‘cultura’ e ‘meio ambiente’ se superpõem no mesmo modo que os conceitos ‘homem’ e ‘natureza’”.

Entrelace presente na noção de **geograficidade** (*geographicité*) (DARDEL, 2011), que se refere à essência do espaço geográfico. A geograficidade, em essência, define a relação do ser-no-mundo (HOLZER, 2011). São as relações existenciais do ser humano com a Terra, ou, como preferia Eric Dardel (2011, p.31, grifo no original), “[...] sua **geograficidade** original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização”. O objeto do conhecimento geográfico seria esclarecer os signos da Terra, nos quais, para Dardel (2011, p.2), “a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino”. O resultado dessa relação do homem com a terra seria a “[...] **geograficidade** (*geographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p.2, grifo no original). A geograficidade se

refere a uma cumplicidade obrigatória entre o homem e a Terra, na qual se realiza a existência humana, e a um espaço, uma base material da qual não podemos nos destacar (HOLZER, 2011). “Do plano da geografia”, explica Dardel (2011, p14, grifo no original),

a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A ‘situação’ de um homem supõe um ‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o **lugar** de sua existência.

Assim, a situação seria definidora da geograficidade, e, esta – e não a espacialidade –, o objeto de estudo da geografia enquanto ciência essencial (HOLZER, 2011). Dardel (2011, p.1-2) apresenta

[...] uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*geographicité*) do homem como modo de existência e de seu destino.

Assim, cientes do entrelace entre a natureza humana e a natureza geográfica, entendemos quão particular é uma casa edificada

[...] na encosta da montanha, protegida contra os ventos e contra o sol do meio-dia, entre as esteiras dos prados, na proximidade da fonte. [...] o telhado de madeira, o amplo vão, a inclinação íngreme das asas do telhado a fim de suportar o peso da neve e de proteger os cômodos contra as longas tormentas da noite de inverno (HEIDEGGER, 2012, p.139).

Essa casa não seria adequada a qualquer geografia, não teria sido assim construída por sujeitos de qualquer cultura. Ela é apropriada

à peculiar conjunção de certa natureza humana e certa natureza geográfica – à geograficidade. “Quem construiu a casa camponesa foi um trabalho das mãos surgido ele mesmo de um habitar” (HEIDEGGER, 2012, p.139), de uma expressão primária da relação de si próprio com os espaços.

A arquitetura vernacular expressa muito sobre a relação de um povo com seu lugar e sua paisagem. Além de expressar o modo como ali se habita, ela evidencia, por meio dos materiais e sistemas construtivos empregados, alguns dos elementos naturais disponíveis e predominantes em seu entorno, bem como a ação dos ventos, chuvas, insolação, relevo, clima, flora e fauna. Observar e aprender com tais questões contribui para que possamos desenvolver uma arquitetura e um urbanismo que também se relacione com o lugar habitado.

Em contraponto à integração observada entre a arquitetura vernacular e o lugar em que se insere, reporto-me às críticas de Pallasmaa sobre a arquitetura que se distancia não apenas de seu entorno, mas do mundo-vivido. Pallasmaa (2013, p.19) critica as atuais técnicas excessivas de imagem e o “imaginário instantâneo” da arquitetura, argumentando que estes “[...] parecem criar um mundo de ficções de arquitetura autônomas, que negligenciam por completo a base e os objetivos existenciais fundamentais da arte da edificação”. O autor alerta para um “mundo arquitetônico alienado”, que aproxima a arquitetura de “meros exercícios gráficos, sem a sensação de vida real” – o que distancia a arquitetura do que seria sua tarefa: “[...] fortalecer nossa experiência do real nas esferas da percepção e da experiência, assim como na interação cultural e social” (PALLASMAA, 2013, p.23). “Em um mundo de simulacros, simulação e virtualidade”, prossegue Pallasmaa (2013, p.23), “a tarefa ética dos arquitetos é providenciar a pedra de toque do real”. O autor refere-se à exacerbação do apelo imagético que acaba por apartar a arquitetura do mundo-vivido.

Pallasmaa (2013) cita como exemplo o trabalho do escritor, que, diversamente do que fora em tempos passados, tem hoje a tarefa de acionar o contato como o mundo-vivido, uma vez que, para o autor, atualmente tende-se a viver na ficção. Desse mesmo modo, sugere pensar o papel do arquiteto como o de providenciar a “pedra de toque do real”. É como um subverter ao contrário.

Pois “a arquitetura é nosso principal instrumento de orientação no mundo”, afirma Pallasmaa (2013, p.121). Continua o autor, explicando que

[...] nossa casa determina o significado definitivo de interioridade e exterioridade, familiaridade e estranheza, estar no lar e estar fora dele. Como uma abstração e condensação do mundo, a imagem da arquitetura e uma interpretação e concretização de uma ordem idealizada. A vila tradicional da tribo nômade rendile, no Quênia, reconstrói toda noite a imagem daquilo que entende como suas principais ordens cósmica e social. Suas cabanas desmontáveis revestidas de couro são transportadas em camelos, e todas as noites as mulheres erguem as estruturas na mesma configuração: as cabanas são distribuídas formando um círculo, com um espaço maior direcionado para o sol nascente e a cabana do cacique voltada para esta clareira; assim, o modelo mental do cosmos e de sua hierarquia social é reconstruído todos os dias (PALLASMAA, 2013, p.121).

A configuração dos elementos arquitetônicos (as cabanas) da tribo nômade Rendile, expressa seu habitar, resguardando a quadratura heideggeriana a cada re-construção efetuada, em cultivo e resguardo do que são, para eles, suas ordens cósmica e social.

A menção de Pallasmaa (2013) à casa, a apresenta como fundadora de nosso senso de familiaridade e de estranheza. Estudada por Gaston Bachelard (1978) no contexto de sua poética do espaço e a partir do devaneio, a casa é um dos primeiros lugares de significado e suportes

existenciais⁴ para um sujeito. Não o primeiro, pois, para a criança, a mãe ou os pais⁵ podem ser os primeiros lugares de significado e suportes existenciais, provavelmente antes mesmo de assim considerar o próprio corpo. Pallasmaa tece relações entre a casa e o corpo, afirmando que

Há um relacionamento dinâmico especial entre os dois [nosso corpo e nossa casa], eles podem se fundir e oferecer um senso definitivo de conectividade, ou podem estar distantes um do outro, originando um senso de saudade, nostalgia e alienação. Nosso domicílio é o refúgio e a projeção de nosso corpo, memória e identidade pessoal. Estamos em constante diálogo e interação com o ambiente, a tal ponto que é impossível desconectar a imagem da identidade pessoal de seu contexto espacial e situacional. 'Sou o espaço onde estou', como diz o poeta Noël Arnaud (PALLASMAA, 2013, p.125).

Ou, podemos pensar, nós somos os lugares em que habitamos. Reflexão que vai ao encontro do enunciado pelo arquiteto Kevin Lynch (2007, p.128): "A afirmação 'eu estou aqui' suporta a afirmação 'eu sou'". Pois o habitar é a expressão da relação primária do ser humano com os espaços. Nessa construção recíproca, a arquitetura é expressão e continente do habitar, isto é, traz para a materialidade o modo como se habita e, simultaneamente, acolhe e propicia lugar a um habitar.

Se o habitar implica em construir, a análise do habitar passa pela análise do que construímos e da qualidade desse habitar. É parte da análise da relação entre habitar e ambiente a avaliação do papel do ambiente como suporte e reforço para a realização do habitar, o que pode ser entendido como a qualidade do habitar proporcionada

4 A noção de suporte existencial (existential foothold) foi enunciada por Christian Norberg-Schulz como sendo a relação existencial do ser humano atrelada ao ambiente a partir da orientação e da identidade.

5 O primeiro ambiente que a criança descobre é seus pais (TUAN, 2013).

por aquele ambiente. Questão que perpassa também os estudos de Seamon (2000, p.190)

The significant questions are how do we dwell in our particular situations and how can we shape the quality of our dwelling for better or worse? Heidegger links the quality of our dwelling to the quality of our building, since an effective building arises from a genuine sense of sparing and preserving (see Foltz 1995, pp. 159-63).⁶

Retomando as considerações de Tuan (2013, p.126),

a arquitetura é uma continuação do esforço humano para aumentar o conhecimento por meio da criação de um mundo tangível que articula as experiências, tanto as sentidas profundamente como aquelas que podem ser verbalizadas, tanto as individuais como as coletivas.

Langer (apud TUAN, 2013, p.203) descreve que "O arquiteto cria uma imagem da cultura: um meio ambiente humano presente fisicamente, que expressa os típicos padrões funcionais rítmicos". Tais padrões

[...] são a movimentação do pessoal e a vida social. São dinâmicos e extremamente complexos. É quase impossível especificá-los em detalhe e mapeá-los. Um arquiteto tem uma apreensão intuitiva, uma compreensão tácita, dos ritmos da cultura, e procura dar-lhes forma simbólica (TUAN, 2013, p.203).

A arquitetura bem-sucedida "cria a aparência daquele Mundo que é a contraparte do Eu" (LANGER apud TUAN, 2013, p.203). "Para o 'eu' individual, esse mundo é a casa; para o 'eu' coletivo, é um ambiente

6 Tradução livre: "São questões significativas: como habitamos em determinadas situações particulares e como podemos lapidar a qualidade do nosso habitar para melhor ou para pior? Heidegger associa a qualidade do habitar à qualidade do construir, desde que o construir efetivamente tenha origem do senso genuíno de proteção e preservação".

público como o templo, o paço municipal ou o centro cívico” (TUAN, 2013, p.203). Ou, ainda, a cidade, que, “[...] não é somente um panorama abarcado com um só golpe de vista. [...] A cidade, como realidade geográfica, é a **rua**. A rua como centro e quadro da vida cotidiana [...]” (DARDEL, 2011, p.28, grifos no original). Concepção que manifesta a necessidade fundamental de experimentar, de sentir a cidade com seus fluxos e dinâmicas a fim de caracterizá-la como tal. Sendo assim, é possível vislumbrar a coerência de se fazer urbanismo como fenomenologia do habitar, aproximando-nos do mundo-vivido em postura de apreensão e espanto, a ele voltando-nos intencionalmente, para, a partir dele, re-unir a matéria-prima do habitar sobre a qual nos debruçaremos a fim de realizar nosso trabalho de arquitetos e urbanistas.

ARQUITETURA E URBANISMO COMO FENOMENOLOGIA DO HABITAR

Os estudos do habitar heideggeriano e as reflexões e considerações sobre arquitetura aqui apresentadas, me conduzem a entender que a função da arquitetura e também do urbanismo é deixar habitar. Escreveu Heidegger (2012, p.139) que “a essência de construir é deixar-habitar” – a arquitetura e o urbanismo, então, devem ser um cultivar. E talvez seja o próprio fazer arquitetônico e urbanístico um habitar, no sentido de resguardar as essências dos elementos da quadratura, por vezes destacando-as, além de ser uma relação primária com os espaços manifesta conforme expressão particular de um sujeito – o arquiteto e urbanista. “Construir”, observa Tuan (2013, p.133)

é uma atividade complexa. Torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: ao nível de tomar decisões pragmáticas; de visualizar espaços arquitetônicos na

mente e no papel; e de comprometer-se inteiramente, de corpo e alma, na criação de uma forma material que capture um ideal.

Trata-se de buscar no mundo-vivido as diretrizes de projeto – o que inclui aspectos existenciais de valores e significados. Como bem observou Buttimer (2015, p.8),

[...] para fazer justiça aos interesses fundamentais da vida que podem ser evocados pela questão da identidade de lugar atual, a pessoa precisa esquadrihar um nível mais profundo de significado para, com sorte, encontrar alguns denominadores comuns para um diálogo entre aqueles que querem viver nos lugares e aqueles que querem planejá-los.

Pois “nosso desejo intenso é viver em um mundo que faça sentido em termos existenciais” (PALLASMAA, 2013, p.127). Assim delineia-se a tarefa à qual nos propusemos nós, arquitetos e urbanistas.

Por ser a relação primária de um sujeito com os espaços, o habitar deve ser tocado e desvelado para se fazer arquitetura e também urbanismo. Como desvelar essa relação primária com os espaços que se dá conforme expressão particular de cada sujeito? Não deve haver, certamente, um único caminho. Afirmo, no entanto, que a fenomenologia é um caminho potencialmente eficaz na tarefa de desvelar o habitar. E afirmo, portanto, que fazer arquitetura e urbanismo é fazer fenomenologia do habitar. Isso não significa, importante ressaltar, que invariavelmente todo projeto, todo planejamento, toda edificação, são ou tenham sido assim concebidos ou executados. Significa afirmar que este é um modo coerente de se fazer, que é a essência do fazer arquitetônico e urbanístico.

A criação e o projeto de quaisquer ambientes destinados a serem habitados, partem da experiência humana nos espaços. Da relação primária do ser humano com o espaço conforme expressão de si,

conforme a quadratura perpassa suas experiências e tem resguardada a essência de seus elementos. Parte do modo mais originário de um ser-no-mundo apropriado, de um habitar. É esta a matéria-prima de nosso trabalho.

A arquitetura e o urbanismo são, antes de tudo, uma fenomenologia do habitar. Antes de ser arte, antes de ser técnica, são essencialmente humanas. ☉

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: PESSANHA, José Américo Motta (Org.). **Os Pensadores** – Bachelard. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BRANDÃO, Gabriela Gazola. **Naturezas do habitar: da metrópole à pequena cidade**. 2016. 195p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. Trad. Letícia Pádua. **Geograficidade**, v.5, n.1, p.4-19, Verão, 2015.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE PAULA, Fernanda Cristina. **Constituições do habitar**: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real. 2010. 129p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. 257p. Tese

(Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOLZER, Werther. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HOLZER, Werther. **Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica**. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p.281-304.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Portugal: Edições 70, 1973.

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Trad. Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. 1 ed. Portugal: Edições 70, 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo José. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 266 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade de Campinas, Campinas.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins fontes, 1994.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci – Towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1976.

PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada**: imaginação e imaginário na arquitetura. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

SARAMAGO, Ligia. Como Ponta de Lança: O Pensamento do Lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012.

SEAMON, David. **Concretizing Heidegger's notion of dwelling**: the contributions of Thomas Thiis-Evensen and Christopher Alexander. In: FÜHR, Eduard (Org.). **Bauen und Wohnen / Building and Dwelling**: Martin Heideggers Grundlegung einer phänomenologie der architektur

Arquitetura e urbanismo como fenomenologia do habitar
Gabriela Gazola Brandão

/ Martin Heidegger's foundation of a phenomenology of architecture.
New York: Waxmann Münster, 2000.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-
do-lugar. Trad. Paulo Mauricio Rangel Gonçalves. **Geograficidade**, v.3,
n.2, p.4-18, Inverno 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do
meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia
de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Submetido em Julho de 2016.
Revisado em Novembro de 2016.
Aceito em Novembro de 2016.